

JESUS, O MESTRE QUE ENSINA O CAMINHO DE DEUS – Mc 12:14

JESUS, THE MASTER WHO TEACHES GOD'S WAY – Mc 12:14

Wilson Faraço¹

Resumo: O evangelho de Marcos busca de forma muito peculiar, apresentar prioritariamente, o ministério terreno de Jesus, sendo o menor e o mais compacto dos quatro evangelhos. Em sua narrativa, entre outras atividades ministeriais, uma ganha destaque - Jesus o Mestre que ensina o caminho de Deus. Esta observação ocorre no texto de Marcos em seu capítulo 12 quando alguns fariseus e herodianos argumentavam com Jesus sobre a licitude do imposto romano.

Palavra chave: Evangelho de Marcos. Ensino. Caminho de Deus. Fariseus. Herodianos.

Abstract: The gospel of Mark seeks a very peculiar way, presenting, primarily, the earthly ministry of Jesus, being the smallest and most compact of the four gospels. In his narrative, among other ministerial activities, one stands out - Jesus the Master who teaches the way of God. This observation occurs in Mark's text in chapter 12 when some Pharisees and Herodians argued with Jesus about the lawfulness of the Roman tax.

Keywords: Mark's Gospel. Teaching. God's way. Pharisees. Herodians.

Introdução

A comunidade cristã, vem ao longo de quase dois milênios construindo seus pilares a partir dos ensinamentos deixados por Jesus. Indubitavelmente, tal legado, tem revolucionado épocas, culturas e sociedades inteiras. Hoje, seu reconhecimento como mestre por excelência é encontrado dentro e fora do cristianismo, além de se comprovar historicamente a eficácia de seu ensino.

Na história da Igreja, o papel do ensinador sempre foi peça indispensável para uma educação cristã de qualidade. Desde o Antigo Testamento, o próprio Deus conduziu um processo educacional com base no relacionamento direto com sua criação, instruindo e advertindo. Foi assim com Adão, o progenitor da humanidade (cf Gn 2:15-17), e mesmo após a queda, prosseguiu instruindo e fundamentando seu ensino com base na promessa de um salvador (cf Gn 3:15). O mesmo ocorre com outros personagens bíblicos, onde o

¹ Bacharel em Teologia pela FAESP (2005) com convalidação pela UMESp - Universidade Metodista de São Paulo (2018), possui graduação em Logística pela Faculdade Flamingo (2008), Especialização em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012), Mestrando em Teologia Bíblica pela PUC-SP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Pesquisa sendo desenvolvida no Novo Testamento, Evangelho de Marcos. E-mail: pastorwilsonfaraco@outlook.com

Criador, conduz seu plano educacional, através de alianças, como as feitas a Noé (Gn 8:21,22), Abraão (Gn 12:1-3) e Moisés (Êx 3:1-18).

No monte Sinai se observa uma ampliação significativa no processo de educação. Deus delega à Moisés o papel de instruir seu irmão Arão, que falaria a Faraó, as palavras que esse colocaria em sua boca (cf Êx 4:15). Deus seguira orquestrando a comunicação, sendo com a boca de ambos e ensinando-os no que falar, doravante, o ato de ensinar se aprimora e vai se ampliando entre as gerações (Dt 6:7,8). Fica evidente, que o ensino aplicado pelo legislador Moisés trouxe resultados inimagináveis, basta lembrar que seus alunos eram hebreus saindo do cativeiro egípcio², e que – através do tempo – se tornaram, referencias mundiais nas mais diversas ciências.

Ao que parece, o período mais importante do Antigo Testamento para o ensino judaico foi o de Esdras. A nação hebreia retornava do cativeiro babilônico, onde esteve por cerca de 70 anos imergidos em uma cultura pagã. Esdras teve o desafio de resgatar a religião judaica bem como reestruturar o sistema educacional³, e de fato, demonstrou muita habilidade como escriba e doutor da lei (Ed 7:6). A tradição judaica indica que por intermédio de Esdras, as sinagogas se difundiram.⁴ Após a destruição do primeiro templo, as sinagogas se tornaram o principal lugar para o estudo da Torá e para as orações.⁵ Esdras – que era um hábil escriba –, influenciou alunos, intérpretes e copistas da lei e, estes escribas, ocuparam o lugar dos eruditos e sábios⁶. Os Fariseus, eram zelosos doutores da lei e, historicamente, considerados sucessores de Esdras e dos primeiros escribas⁷.

² Segundo Andrade, Teologia da Educação Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 23: “O Sistema educacional de Moisés foi efficientíssimo. Antes os hebreus não passavam de um bando de vassalos; nem pela liberdade ansiavam de tão acostumados que estavam à servidão egípcia...Não fora o sistema educacional mosaico, Israel teria perecido no Egito, e no Egito seria mumificada a sua história.”

³ Segundo Eban, tradução de Alexandre Lisovsky. My People – The Story of the Jews. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 66: “Dois homens puseram-se à frente de um movimento para salvar Jerusalém da desintegração: Neemias em 444 a.C. e Esdras em 397 a.C. vieram a Jerusalém, onde reorganizaram a vida nacional tão eficientemente que a província foi capaz de enfrentar tempestades oriundas de tensão interna e hostilidade exterior.”

⁴ Segundo Andrade, Teologia da Educação Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 25: “Se a tradição judaica estiver correta, a maior realização de Esdras, como pedagogo, foi o estabelecimento das sinagogas durante o exílio judaico e babilônia.”

⁵ Conforme Blech, tradução: Uri Lam, The Complete Idiot's Guide To Understanding Judaism. São Paulo: Editora Sêfer, 2004, p. 302: “A sinagoga vem sendo, por séculos, o local onde os judeus se reúnem tanto para rezar quanto para estudar. Segundo os antigos rabinos, rezar é a maneira pela qual o homem e a mulher falam com Deus. Por sua vez, estudar é o modo como Deus se dirige ao homem e à mulher.”

⁶ Segundo Harrison, tradução: Degmar Ribas. Old Testament Times. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 300: “A mesma tradição sacerdotal da erudição que havia trazido Esdras à liderança, também forneceu alunos, intérpretes e copistas da lei, que substituíram os “eruditos”ou “sábios”das épocas anteriores aos dias de Esdras.”

⁷ Conforme Harrison, tradução: Degmar Ribas. Old Testament Times. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 302.

Tendo como pano de fundo histórico o exposto acima, o capítulo 12 do Evangelho de Marcos será utilizado para-se tecer um comentário acerca de alguns métodos utilizados por Jesus em seu ministério como Mestre. Para tanto, se tem de antemão a estrutura deste capítulo, tendo como arcabouço uma divisão plural de instrução didática, que além de diversificadas, são diferentes entre si.

O capítulo 12 apresenta uma narrativa, tendo como forma de discurso a *símile*, a medida em que cada tema é abordado, esta forma – *símile* – ganha uma dinâmica diferente, ou seja, há pelo menos – no todo – sete modelos didáticos de instrução, a saber:

- Instrução sob a forma de parábola: 12:1-12;
- Instrução de caráter político/social: 12:13-17;
- Instrução teológica sob a forma de ironia: 12:18-27;
- Instrução dialogada: 12:28-34;
- Instrução dialética expositiva – revelação messiânica: 12:35-37;
- Instrução exortativa sob a ética comportamental: 12:38-40;
- Instrução devocional: 12:41-44.

1. Instrução sob a forma de parábola: Os lavradores maus (Mc 12:1–12)

O primeiro modelo apresentado é a instrução sob a forma de parábolas (cf Mc 12:1). Jesus nesta instrução, substitui um discurso mais bem elaborado, por uma história contada utilizando este tipo de figura de linguagem. Este modelo de discurso é capaz de revelar sutilmente a verdade, além de, levar os ouvintes, vislumbrarem a realidade intencionada pelo autor. Marcos indica que a opção por este modelo pedagógico era uma prática corriqueira do Mestre que nunca lhes falava sem parábolas (cf Mc 4:33,34).

Este modo de ensino requer interpretação, uma vez que o significado por trás da mensagem é sempre mais profundo do que o próprio sentido das palavras. Snodgrass⁸ ao apresentar as características das parábolas de Jesus informa que elas são histórias breves e austeras, e o uso das palavras ocorre na quantidade estritamente necessária, e não são tão diretas quanto poderiam ser.

A parábola conhecida como dos lavradores maus, expõe em forma de alegoria uma história bastante conhecida pelos rabinos, era uma readaptação da parábola da vinha

⁸ SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as Parábolas de Jesus*. Tradução: Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 46.

encontrada em Isaias 5:1-7. Os elementos da narrativa são todos conhecidos de seus ouvintes, uma terra onde vinhedos são encontrados por toda parte, logo temos um lugar comum, e neste um homem que plantou uma vinha, a cercou de um valado, provavelmente feito de pedras, cavou um poço para servir de lagar, edificou uma torre que servia para vigia e para abrigar os próprios trabalhadores, e por fim, arrendou a terra para aqueles que iriam trabalhar no solo, e na produção da vinha, enquanto o proprietário partiu para fora da terra.

O objetivo desta construção narrativa certamente demonstrava a situação envolvendo a história de Israel. Deus já havia falado de muitas maneiras, utilizando seus servos os profetas e desta vez, utilizando o seu próprio Filho (cf Hb 1:1). A vinha é Israel e o seu dono é Deus. Os lavradores representam os líderes religiosos e políticos de Israel que se apropriaram da nação eleita e já não prestavam contas ao proprietário. Os servos enviados, que foram ultrajados, agredidos e insultados, eram os santos profetas que foram mortos (cf Mt 23:29-31). A nova tentativa daquele proprietário foi enviar o seu herdeiro, com vista a reconhecerem sua autoridade, porém tão pouco, se persuadiram, pelo contrário viram a oportunidade de matar o herdeiro e permanecerem com a terra (cf v. 7). O filho era o próprio Senhor Jesus, o qual eles buscam matar a todo o custo. A consequência de tamanha deslealdade e infidelidade não poderia ser outra, a destruição dos lavradores e a abertura da oportunidade a um outro povo. Isto ocorreu no ano 70 d.C com a invasão e destruição de Jerusalém, a terra santa passa a ser de outros povos.

O desfecho que Jesus dá a história quando cita o Sl 118:22 evidencia que os líderes de sua época, edificadores do templo de Jerusalém, rejeitaram a pedra principal, todavia Deus a pôs por cabeça de esquina. Tal sinalização é possível se perceber na reação dos membros do sinédrio ao entenderam que as palavras de Jesus, reportavam à conduta dos líderes religiosos e políticos e haveria uma condenação sobre eles. Marcos deixa isto claro quando relata que buscavam prendê-lo e só não faziam, por que temiam a multidão.

2. Instrução de caráter político/social: Mc 12:13-17

Após o primeiro conflito entre Jesus e os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos (cf Mc 11:27), que se retiraram sequencialmente, foram enviados posteriormente, representantes do grupo dos fariseus e do grupo dos herodianos. Conforme Marcos narra no v. 13, o objetivo desta comissão era pegar Jesus em alguma palavra contraditória, utilizando a antipatia do povo quanto ao tributo romano.

A aproximação deste grupo apresenta uma forma politizada de abordagem, típico daqueles que se utilizam de um discurso politicamente correto, cheio de elogios e frases de efeito, que se de fato, as reconhecessem como verdadeiras, de maneira alguma, buscariam ocasião contra o Mestre. Isto evidencia ainda mais a percepção de Jesus de que estavam exercitando a principal característica dos fariseus: A hipocrisia (v. 15).

Embora os elogios emitidos pela nova comitiva tivessem tão somente o propósito de camuflar o real objetivo do encontro, salta aos olhos ouvi-los de uma classe opositora – que continuamente o perseguia –, ressaltar a coragem e propriedade com que Jesus ministrava, considerando-o como um mestre do caminho de Deus. Ao que parece, esta afirmação tem a ver com a base da construção narrativa a que se queria chegar, ou seja, uma cilada política: É lícito pagar tributo a César?

Como não lograram sucesso na tentativa anterior (cf capítulo 11), o ponto agora era provocar o Mestre em uma questão estritamente conflituosa. Sendo Jesus o Messias, como ele próprio afirmava (cf Mc 14:61,62), uma resposta inadequada, o colocaria em oposição direta tanto com o povo quanto com o Estado Romano. Quanto a essa questão, nos diz Bruce:

A resposta de Jesus foi que, visto que o dinheiro que eles possuíam continha a gravação da imagem do imperador Tibério e, de acordo com o ponto de vista da época, pertencia a César, estava implícito nisso que eles reconheciam a sua subserviência a ele, de modo que deveriam lhe pagar o imposto. O que Jesus acrescentou ainda, no entanto, significava que se, em algum momento, César exigisse algo que na verdade pertencia a Deus, a exigência de César teria de ser negada (v. 17). (BRUCE, 2008)

O tributo era uma parte dos rendimentos pagos anualmente à Cesar, e como tal, retirava parte da renda dos judeus e transferia aos cofres de Roma, sobre isto afirma Edwards:

A quantia exigida para o pagamento desse imposto de capitação era um denário (v. 15, outra palavra emprestada do latim), a média do salário na Palestina (Mt 20.2,9). Um denário era uma moeda romana de prata trazendo o busto do semidivino Tibério César (14-37 d.C.) com uma inscrição abreviada em latim, *Tiberius Caesar Divi Augusti Filius Augustus* (“Tibério César Augusto, filho do divino Augusto”). O lado reverso trazia a imagem da mãe de Tibério, Lúvia, e a inscrição, *Pontifex Maximus* (“sumo sacerdote”). (EDWARDS, 2018)

Desta forma, sendo Jesus considerado um galileu com alta popularidade, sua posição sobre o assunto se torna ainda mais relevante. Uma definição direta optando por

um lado ou outro – pagar ou não tributo – o colocaria em oposição ao seu povo ou a imperador.

A forma com que Jesus respondeu ao questionamento é descrito por Marcos como uma tentação. Assim, utilizando a própria argumentação de seus oponentes, Jesus redarguiu com outra pergunta: de quem era a imagem cunhada na moeda que lhe deram?

A narrativa de Marcos é curta, porém precisa. O evangelista descreve bem a cena. Jesus solicitou um dinheiro, que se tratava de uma moeda de prata com a imagem e a inscrição do Imperador, assim tudo se tratava de uma questão de pertença, logo, Jesus questiona, de quem é a imagem e a inscrição? A resposta não poderia ser outra, era evidente que era de Cesar.

Como *gran finale* a questão, Jesus ditou a expressão que se tornou um jargão através dos tempos: “*Daí, pois, a Cesar o que é de Cesar e a Deus, o que é de Deus* (v.17). O ensino de Jesus diante do enunciado proposto por seus adversários, harmoniza os deveres civis e religiosos, separando concisamente as responsabilidades, ou seja, o dever ao Estado e o dever a Deus não são excludentes, e devem ser compatibilizados enquanto cidadãos terrenos.

3. Instrução teológica sob a forma de ironia: Mc 12:18-27

Nesta nova seção, temos um grupo de representação menor do que a dos fariseus, mas de maior influência dada a posição que ocupavam, trata-se do escalão superior dos sacerdotes. Marcos, ao apresenta-los, faz questão de mencionar um dos aspectos que envolvia sua teologia, não crer na ressurreição, uma interpretação que destoava dos fariseus, sobre esta e outras diferenças entre estes, Tenney, diz:

As diferenças teológicas entre eles eram mais dilatadas. Basicamente, os saduceus eram contra os supranaturalistas. Por cauda da sua interpretação extremamente literal da Lei, negavam a existência dos anjos e dos espíritos e repudiavam qualquer ideia de ressurreição (At 23.8). (TENNEY, 2010)

Sobre a religião desta classe, Tenney ainda destaca:

Sua religião era mais formal do que pessoal, e sua atitude geral, materialista. Por esta razão, eles eram mais susceptíveis às políticas ditadas pelas conveniências do momento e cederam mais rapidamente

à pressão religiosa e cultural do helenismo no período grego sob os selêucidas. (TENNEY, 2010)⁹

Dessa forma, os Saduceus eram o que se consideraria os racionalistas de sua época, porém com nuances ortodoxas em relação às Escrituras. Mas as diferenças teológicas e de interpretação das Escrituras – com os fariseus – foram deixadas de lado e ambos os grupos se juntaram muitas vezes no tocante a se oporem a Jesus.

Os Evangelhos Sinóticos registram o momento em que os Saduceus inquerem Jesus acerca de concepções teológicas que eles mesmos não acreditavam. A pergunta era produto do cinismo advindo do desafio que nutriam pelo Mestre. Ao narrarem uma historieta fantasiosa inserida à lei do levirato, eles desfecham sua fala com uma pergunta cética: “Na ressurreição, pois quando ressuscitarem, de qual destes será a mulher? Porque os sete a tiveram por mulher” (cf Mc 12:23).

Diante da questão levantada pelo grupo – que não apenas desafiava Jesus, mas também aos fariseus, que provavelmente não tinham uma resposta satisfatória para seus algozes religiosos – Jesus utiliza a mesma didática que trouxeram ao desafio: a ironia. O propósito dos Saduceus era ridicularizar Jesus, pois tudo indica que estavam utilizando o texto de Deuteronômio (cf Dt 25:5–10), cujo objetivo, era evitar que um varão não tivesse semente que se chamasse por seu nome, em Israel. Ao perceber a astúcia de seus oponentes, Jesus lhes introduziu a resposta censurando-os por ignorância prévia às Escrituras e ao poder de Deus. Esse princípio na resposta deixava claro para os ouvintes que a pergunta não tinha lógica em si, pois utilizavam a lei para confrontá-lo, no entanto não a conheciam profundamente.

Assim, Jesus responde com argumentos que os próprios Saduceus não criam, ou seja, em ressurreição, em anjos, em vida após a morte e em juízo final. As afirmações que ele faz são claras e firmes: “Quando ressuscitarem dos mortos (v. 25); serão como anjos nos céus (v. 25); mortos que houverem de ressuscitar (v. 26); Deus não é de mortos, mas sim é Deus de vivos (v. 27)”.

A exposição de Marcos inseridos nos versículos 24 à 27 é uma clara exposição de Jesus ao que tange ao mundo espiritual e vindouro. O Mestre, em poucas palavras, expôs as bases da escatologia negada pelos Saduceus no corpo de suas doutrinas. Além disso, Ele denunciou a teologia deficitária de conhecimento de Deus em seus ensinamentos.¹⁰

⁹ As citações de Tenney se encontram em: SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as Parábolas de Jesus*. Tradução: Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 109.

¹⁰ Conforme Enéas Tognini, no seu livro *O Período Interbíblico*. Ver, especialmente as p. 158 – 161.

Diante disto, a questão retórica e irônica que Jesus lhes fez no v. 24, Ele mesmo a respondeu no v. 27. A resposta centrou na ação do erro, não um erro qualquer, mas o erro de não conhecerem as Escrituras, o que lhes impedia de conhecerem as ações e propósitos de Deus em relação ao homem, tanto na vida terrena, quanto no mundo espiritual.

4. Instrução dialogada: Mc 12:28-34

A pedagogia que Marcos expõe acerca de Cristo no capítulo 12 não exclui o método dialogado. Embora não seja comum aos evangelistas sinóticos apresentarem Jesus em conversa a dois, mas se atém em apresentá-lo como protagonista de discursos profundos e diante de multidões ou grupos, parece se eximirem da forma literária, e assim, não deixar de registrar esse diálogo – que certamente aconteceu rodeado de outras tantas pessoas, mas com cunho reservado (cf v. 12)

Não é um diálogo comum, pois se trata de um escriba que se aproxima de um Mestre aclamado pela multidão e o inquirere sobre qual seria o primeiro mandamento (v. 28). Sem titubear, Jesus responde com caráter excepcional unindo dois questionamentos na resposta a uma pergunta, o que não era comum naqueles dias. Geralmente, quando se debatia acerca dos preceitos da lei (pesados e leves), estas discussões se tornavam intermináveis, pois os escribas – como se supõe – dividiam os mandamentos em dois grupos: rituais e morais.¹¹

O questionamento do escriba tem a ver com o que é essencial nos mandamentos, pois tais preceitos não eram correlacionados e, portanto, é viável considerar que ele não esperava uma resposta como àquela. Embora a pergunta pareça fácil e retórica, não era, pois envolvia o amor filantrópico, ou seja, o amor ao próximo e o amor a Deus. Era de conhecimento dos religiosos a lei divina dada aos seus antepassados (Dt 6:4,5 e Lv 19:18). Enquanto a primeira referência é uma advertência a que se guarde o amor ao Senhor, de tal maneira que era recitado duas vezes por dia, o segundo é de tal maneira importante, mas não ao ponto de suprimir o primeiro.

É importante notar que ao responder, Jesus não depreciou a importância de ambos os mandamentos, mas deixou claro o lugar de cada um no devocional e relacional humano. Sendo assim, o amor filantrópico não deve ultrapassar a medida do amor devido a Deus. Mas essa concepção o escriba demonstra ter, pois não hesita em concordar com

¹¹ Conforme o Novo Comentário da Bíblia. 9ª. Ed. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990. p. 1015. (V. II).

o interrogado que lhe dera resposta. E mais, o inquiridor aceita a junção das prerrogativas preceituais de tal forma que traz ao sucinto debate, o veredito divino (cf Os 6:6).

Jesus, ao responder, não só esclareceu ao escriba o verdadeiro sentido do que ele havia perguntado, mas lhe fez perceber que havia muito mais do que a resposta que ele esperaria receber. Ao notar que o escriba fizera bom uso de sua interpretação da lei, Jesus, o considera caminhante em direção ao Reino de Deus (v. 34).

Assim, Marcos deslumbra em seu texto como Jesus ensinava com simplicidade temas tão complexos para os religiosos de sua época e, que não deixaram de ser para a comunidade cristã. Sua didática respondia a necessidade do discente. Sua apresentação de resposta ao enunciado, quando requerido, poderia ser de maneira retórica ou expositiva. A esses detalhes, Marcos não se permitiu omitir, mesmo que seu Evangelho esteja repleto de dinamismo e ação por parte de seu personagem principal.

5. Instrução dialética expositiva – revelação messiânica: Mc 12:35-37

Esta perícopa do capítulo sugere que Jesus quer deixar claro aos seus ouvintes que ele é muito mais que apenas um belemita (natural de Belém), e descendente de Davi. Jesus traz a referência em que o rei Davi invoca pelo Senhor como subalterno (Sl 110:1). A pergunta é clara e objetiva - “como podem os escribas dizer que o Cristo é o Filho de Davi?”, não carecendo do uso de figura de linguagem, como comumente o Mestre fazia. Além do mais, o questionamento foi feito no templo – na Judéia –, o que sugere que a numerosa plateia não era tão comum, como geralmente ele as tinha quando estava na Galileia ou Samaria.

Conforme relata Marcos, os seus ouvintes nada responderam, mas sentiam prazer em serem confrontados com tais argumentações. Estaria Ele (Jesus) se proclamando abertamente que era o Messias, ou apenas os estaria provocando para um debate acerca das Escrituras? O que se subentende é que Ele dizia muito mais que isso: Ele era o Senhor.¹²

Ao questionar os fariseus sobre a origem do Messias (cf passagem sinótica de Mt 22:41-46) Jesus não se escala entre vários supostos grupos messiânicos que surgiram antes dEle. Ao contrário, propõe aos fariseus, que aceitavam a interpretação do ensino rabínico sem questionar, uma vertente quanto ao seu posicionamento aberto de Ele ser o

¹² Conforme o Novo Comentário da Bíblia. 9ª. Ed. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990. p. 1015. (V. II).

Ungido, mas quanto a isso não lhes responderam, pois se assim o fizessem, estariam admitindo que Jesus era realmente o Messias.

Essa postura é decisiva quanto ao seu ministério didático messiânico, já que o questionamento inferia a realeza, ou seja, a aceitação do legítimo sucessor do trono davídico. Não foi uma pergunta de cunho teórico ou ético, mas de conotação política, já que o messianismo nasceu sob essa vertente¹³. Mas o que os fariseus esperariam de um sucessor do trono davídico cuja pregação excluía a luta armada e o amor ao inimigo? Ao que parece, o que chama a atenção dos ouvintes não foi a declaração de seu sangue real, mas a revelação que o Messias incluso no primeiro versículo do Salmo 110 é superior ao próprio Davi (v. 37). Esse tema já havia sido tratado de maneira privada entre Jesus e seus discípulos. Mas o que o teria feito mudar de opinião?

Pedro reconhece que Jesus anunciava seu caráter messiânico (cf Mc 8:27-33). Jesus, inquirindo aos seus discípulos a compreensão de seu ministério messiânico, e tal revelação, inicia primeiro aos seus discípulos, reservando para mais adiante, ser publicitada. A proibição expressada a seus seguidores a não declarar a ninguém sua messianidade (cf Mc 8:30) traz consigo aspectos temporais, já que, no contexto de Marcos 12, o próprio Jesus apresenta o tema publicamente (cf Mc 12:35-37). Essa estrutura textual de Marcos quanto ao comportamento de Jesus, por vezes é compreendida como esoterismo. Goppelt, se posiciona acerca da tradição marcana em relação ao mistério do Messias:

Qual a intenção de Marcos com o ‘mistério messiânico’, esse conjunto de revelação especial aos discípulos, de ordem para manter silêncio e de incompreensão? A ligação de revelação especial e ordem para manter silêncio lembra-nos o esoterismo, que vogava no judaísmo palestino.¹⁴

Quanto a essa estrutura, ele mesmo responde:

[...] Marcos, a respeito do mistério do Messias, realmente apresenta traços de um esoterismo, mas o centro da concepção de Marcos não corresponde a esse conceito. Pois o centro não é um conhecimento de mistério, mas reconhecimento de fé que compreende circunstâncias incompreensíveis para a opinião pública, mas que mesmo sempre permanece dúbio.¹⁵

¹³ Confome RIBEIRO, A. L. Jesus e os movimentos messiânicos. *Revista de Cultura Teológica*, v. 17, n. 66, jan/mar, p. 19, 2009.

¹⁴ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002. p. 189.

¹⁵ Idem. p. 190.

Dessa forma, é possível compreender que a provocação de Jesus quanto ao posicionamento tanto dos fariseus quanto dos demais ouvintes, em relação a sua messianidade, era que cressem nele pela fé e não por algum suposto sinal ou esperança de liberdade social que ele pudesse lhes conferir. Enquanto alguns o ouviam de bom grado, os fariseus o procuravam matar, por terem entendido o cerne de seu ensino, o que já intentavam (cf Mc 3:1-6) desde que começara a operar nos sábados, pois seus sinais, também o referenciava como o Grande Profeta predito na Escritura Veterotestamentária (Dt 18:18).

6. Instrução exortativa sob a ética comportamental: Mc 12:38-40

Dos métodos de ensino aplicado por Jesus – registrado por Marcos nesse capítulo 12 – o que parece ser mais contundente é o descrito nos versículos 38-40. A perícopé parece ser uma inserção de um outro momento de Jesus, conforme sugere a narrativa de Lucas capítulo 11:37;12:1-59. No entanto, Mateus estabelece a narrativa mais ampliada conjuntando o discurso dialético ao ético conservando o panorama temporal e geográfico, ou seja, todos estariam ainda no Templo (cf Mt 21:23; 23:1-39).

Marcos se permitiu a menor das narrativas para que o ensino ético de Jesus fosse exposto. Assim, o escritor sacro categoriza a eficácia do Mestre a que seja entendido com poucas palavras e, mesmo que esteja sendo conciso, seu objetivo é alcançado. É digno de nota que a classe de eruditos que o estava cercado era dividida em grupos, como Saduceus, Fariseus, Herodianos e Escribas, sendo esses últimos o foco de algumas temáticas abordadas por Jesus, como a interpretação rasa da Lei e a supervalorização do conteúdo dos preceitos.

Somado a esses fatores, Jesus, nos versículos 38-40, insere a prática e costume desse grupo alertando para as suas vestes, saudações, posições e estereótipos, A fala do Mestre não generaliza os indivíduos julgando-os como um todo, afinal de contas Ele já havia elogiado um deles no diálogo sobre o maior dos mandamentos (cf v. 28-34).

Assim, a referência é direta, facciosa, pois separa o indivíduo do grupo pelo seu agir. A recomendação de Jesus era para que seus ouvintes se guardassem dos escribas que gostavam de andar suntuosamente, de serem percebidos e saudados como mestres em público; dos que buscavam os primeiros assentos nas sinagogas e nas ceias; e daqueles que não se eximavam de subtrair a renda das viúvas alegando orações longas a seu favor.

Tais indivíduos não serviam como referência, pois contaminavam a todos com seus procedimentos (cf Mt 23:1-3).

Ao estabelecer a referência pessoal direta como didática, Jesus precisaria de outra referência para contrapor ao modelo por ele reprovado. Mas ele já havia se estabelecido como tal padrão moral ético social e religioso. Para tanto, é preciso consultar o evangelho de João. No capítulo 8 é relatado uma das vezes que Jesus esteve na Judéia e visitou o Templo (Jo 8:2) – não sendo a mesma ocasião de Marcos 12.

No contexto citado de João 8, Jesus discute com escribas e fariseus. Na ocasião, Ele os desafia a que o convença de pecado (v. 46). Eles, então, apelaram para a conotação pejorativa – não apenas preconceituosa da regionalidade –, chamando Jesus de samaritano, afirmando, assim que Ele seguia uma religião corrompida e, portanto, ensinava heresias.¹⁶

Mas da mesma maneira que nesse embate registrado pelo quarto Evangelho escribas e fariseus não o convenceram de pecado, tampouco os escribas no capítulo 12 de Marcos se levantaram para contrapor a referência que Jesus fazia de si mesmo como paradigma a ser imitado. Esse modelo ousado de didática, cujo padrão ético estabelecido é o próprio Mestre, é peculiar nas Escrituras apenas à Jesus. A isso, Mateus registrou em seu Evangelho quando pontuou não a forma externa de Jesus se comportar, mas o que o próprio Mestre era (ontológico): Uma vida exemplar de mansidão e humildade advinda do coração. Contra isso, os escribas não podiam competir; já seus ouvintes, parece ter concordado unanimemente com o exposto referencial do Mestre.

7. Instrução devocional: 12:38-40

O capítulo 12 de Marcos tem como pano de fundo o templo. O santuário [gr. *naos*] somente podia ser frequentado pelos sacerdotes descendentes de Arão, ali realizavam as ministrações. Jesus, possivelmente, estava em uma das áreas do templo [gr. *hieron*] onde possuía, um amplo pátio com muitos pórticos e átrios, neste ambiente, grupos eram segregados, a exemplo, temos a área das mulheres, em que havia a arca do tesouro (cf Mc 12:42), e os espaços permitidos aos demais Judeus. Ao que parece, foi o último lugar que Jesus esteve no Templo antes de sair e para lá não mais voltou.

¹⁶ Conforme o Novo Comentário da Bíblia. 9ª. Ed. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990. p. 1081. (V. II).

Após ter debatido com saduceus, escribas e fariseus, onde o Mestre oportunamente demonstrou um leque didático variável, Marcos, agora, o coloca em um ambiente singular: diante do lugar onde se depositavam ofertas. Quanto ao local, assim diz Swift: “Não é certo se havia um edifício com este nome, mas ao longo da coluna ao redor do Pátio das Mulheres havia treze cofres (Heb. shopharoth), cujos bocais em forma de trombetas recebiam os donativos dos devotos”. (SWIFT, 2002).¹⁷

O ensino que Jesus expõe a partir do ato de seus contemporâneos, ofertando na arca do tesouro¹⁸, não se concentra tão somente na qualidade do que é ofertado, mas o valor que tem essa oferta. Era a atitude que estava sendo referenciada e, somado a ela, o conteúdo do que se dava, pois todos ofertavam (cf v. 41). Utilizando o modelo de observação e comparação, Jesus não chama a atenção dos presentes ao Templo, mas o ensino é privado; é para seus discípulos que cabe a lição.

A presença da viúva e sua oferta não negativou a ação da multidão – o povo em si – e dos ricos – parte pequena da elite da Judéia. A questão que Jesus levantou dando a resposta antagônica ao valor em si é a relação do absoluto face ao relativo. Sendo duas moedas de bronze (gr. lepta – menor moeda da época; Marcos as traduz para o entendimento romano, chamando-as de “quadrantes”)¹⁹ não equivaleria as ofertas depositadas pelos ricos ou qualquer outro que depositara com a mulher. No entanto, Marcos e Lucas, esclarecem a medida de aferir usada por Jesus para avaliar a relatividade dos valores depositados: A viúva, depositara todo o seu sustento; os demais, o que lhes sobejava (cf Mc 12:44 e Lc 21:4).

O que transparece do texto de Marcos é que a oferta em si não tem valor absoluto. Dessa maneira, é possível entender que Jesus estivesse querendo mostrar aos seus discípulos que nem toda oferta seja demasiadamente grande ou pequena, mas o ofertante em si é quem lhe dar o valor. Além do mais, Jesus não precisou ir até os ofertantes para lhes desmascarar que não estavam sacrificando o que tinham – como fez àquela viúva –, para que seus discípulos entendessem o conteúdo do ensino.

O método esclarecedor a partir da observação e comparação, foi além de um simples contraste entre ofertantes, mas serviu de parâmetro para que os que foram instruídos, pudessem se aferir por si mesmo em relação ao seu devocional diante de Deus

¹⁷ Esta citação de Swift se situa em: O Novo Comentário da Bíblia. 9ª. Ed. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990. p. 1016. (V. II).

¹⁸ A Arca da aliança, tratava-se de uma espécie de mobiliário (baú ou arca), onde se depositava as doações para a manutenção do templo.

¹⁹ Conforme a passagem na versão Almeida Atualizada.

e da mordomia de seus bens. Ao que parece, a instrução aplicada pelo método não teórico, mas na prática, serviria para que seus seguidores – *a posteriori* – desfrutassem do ensino em seus dias, pois era do conhecimento da sociedade de então, como a emergente comunidade cristã vendiam seus bens e repartiam com os que nada tinham, conforme Lucas descreveu em o Atos dos Apóstolos (cf At 4:32 – 37).

Considerações finais

O papel de Jesus como ensinador do caminho de Deus, nos apontamentos de Marcos, registrado em seu capítulo 12, oferece aprendizagens sobre a forma de se lidar com situações diversas, utilizando-se de metodologias variadas, acentuando-se a questão prática de seu ensino. Isto fica evidenciado através de suas instruções em ocasiões como: no uso de parábolas por narrativa alegórica (12:1-12), na argumentação direta por raciocínio lógico (12:13-17), na reflexão teológica a cerca da lei (12:18-34); quer seja, requisitando pra si o cumprimento messiânico (12:35-37), quer seja exortando por referencial ético (12:38-40); ou mesmo, produzindo conhecimento a partir da observação do ato devocional de uma pobre viúva (1:41-44).

A pedagogia utilizada por Jesus, se caracteriza por um leque didático diversificado, apontando-o como um verdadeiro Mestre que ensina o caminho de Deus, em sua essência. Embora esta expressão – ensinador do caminho de Deus - tenha sido mencionada de uma forma capciosa por seus opositores, no entanto, Jesus demonstrou de uma forma clara e objetiva, verdades acerca do cotidiano, da Lei, dos mistérios da eternidade, e da prática devocional que leva a verdadeira adoração a Deus, produzindo em seus ouvintes transformações profundas, além de contrapor solidamente, com a interpretação equivocada das escrituras, e da hipocrisia dos grupos religiosos de seu tempo.

Portanto, por sua eficácia, a pedagogia de Jesus tem sido um modelo no ensino religioso assim como em outros âmbitos da vida, servindo-nos de referencial tanto teórico quanto prático de como lidarmos com questões da vida moderna. Desta forma, os opositores de Jesus tiveram plena razão em intitulá-lo “o ensinador do caminho de Deus”, porquanto seus ensinamentos permanecem, até hoje, orientando a todos os que visam guiar suas vidas em direção a Deus.

Referências

- ANDRADE, C.C. *Teologia da Educação Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BLECH, BENJAMIN. *The Complete Idiot`s Guide to Understanding Judaism*. Tradução: Uri Lam. São Paulo: Sêfer, 2004.
- BORTOLINI, J. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida, 2008.
- EBAN, A. *My People – The Story of the Jews*. Tradução: Alexandre Lissovsky; Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1971.
- EDWARDS, J. R. *The Gospel According to Mark*. Tradução: Helena Aranha. São Paulo: Publicações, 2018.
- GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.
- HARRISON, R. K. *Old Testament Times*. Tradução: Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- O NOVO COMENTÁRIO DA BÍBLIA*. 9ª. Ed. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1990. (V. II).
- RIBEIRO, A. L. Jesus e os movimentos messiânicos. *Revista de Cultura Teológica*, v. 17, n. 66, jan/mar, p. 27-54, 2009.
- TOGNINI, E. *O Período Interbíblico*. São Paulo: Ed. Hagnos, 2009.

Recebido em: 25/02/2021

Aprovado em: 31/03/2021